

Experimentações no Estágio Curricular em Artes Visuais: por uma docência em devir

Experimentations in the Curricular Internship in Visual Arts: towards a teaching becoming

DOI: <https://doi.org/10.5965/235809252912025e0008>

Marcela Bautista Nuñez¹

Orcid: 0000-0001-7192-1921

Rafael Agatti Durante²

Orcid: 0000-0003-0951-8423

Marilda Oliveira de Oliveira³

Orcid: 0000-0002-5092-8806

Recebido: 19/07/2025

Aprovado: 22/10/2025

Publicado: 23/12/2025

¹ Doutora e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha de Pesquisa Educação e Artes) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciada em Artes Visuais pela UFSM. E-mail: marcela.nunez@acad.ufsm.br

² Doutorando e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha de Pesquisa Educação e Artes) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciado e bacharel em Artes Visuais pela UFSM. E-mail: rafael.durante@acad.ufsm.br

³ Professora Titular do Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. E-mail: marilda.oliveira@ufsm.br

Resumo

Este texto discute uma docência que acontece permeada por processos de criação e busca relações com a arte ao pensar: que movimentos podem ser acionados ao experimentar diferentes modos de docência? Ao apresentar algumas experiências docentes vivenciadas em uma universidade pública do sul do Brasil (UFSM/RS), visa discorrer sobre a Docência Orientada atravessada pela criação de Diários da Prática Pedagógica na disciplina de Estágio Curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Os resultados anunciamos dizem respeito às aproximações com uma formação docente em devir, que acolhe diferentes processos coletivos e problematiza questões acerca da docência e do fazer artístico.

Palavras-chave: Docência. Devir. Experimentação. Diário da Prática Pedagógica.

Abstract

This text discusses a teaching practice that is permeated by processes of creation and seeks relationships with art by asking: what movements can be triggered by experimenting with different modes of teaching? By presenting some teaching experiences lived at a public university in the south of Brazil (UFSM/RS), it aims to discuss Guided Teaching through the creation of Pedagogical Practice Diaries in the Internship course of the Visual Arts Degree program. The results presented relate to approaches to a teaching formation in becoming, one that embraces different collective processes and problematizes issues regarding teaching and artistic practice.

Keywords: Teaching. Becoming. Experimentation. Pedagogical Practice Diary.

Formação docente, um caminho em contínua produção

Silvio Gallo (2012) menciona que diversas concepções de educação surgiram ao longo da história, sendo a concepção platônica de aprender, fundamentada na ideia de reconhecimento, a mais forte e presente. Nesse sentido, estabelecendo linhas de escrita contrárias a essa matriz de pensamento educacional, interessa-nos discutir uma docência que se afasta dos modelos tradicionais de ensinar/aprender, hierarquizados em uma relação vertical entre quem ensina (professor/a) e quem aprende (estudante), para considerá-la como um processo permeado por múltiplas forças e intensidades, um percurso movediço, contaminado pelas mais variadas experiências.

Esta escrita-pensamento surge da experiência vivenciada na disciplina curricular Docência Orientada I, do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Santa Maria/RS/Brasil. Esta disciplina é regulamentada pelo Ato Normativo do 01/2016, que em seu Art. 1º a estabelece como “um componente curricular obrigatório para os bolsistas do Programa de Demanda Social da CAPES e sugerido aos demais acadêmicos”.

Nessa disciplina, os/as docentes orientados/as ficam responsáveis por ministrar 30% da carga horária da disciplina em que estão inseridos/as, com o acompanhamento do/a professor/a responsável pela mesma. Neste caso, coube-nos desenvolver encontros junto às disciplinas de Estágio Curricular 3 e 4 do curso de Licenciatura em Artes Visuais, espaço onde foi possível criar planos de pensamento a partir das experiências de formação docente.

A noção de formação docente está intimamente atrelada a uma ideia que "dá forma" aos processos educativos dos/as estudantes, "tornando-os/as" professores e professoras. Pautada por um senso comum, essa ideia nos leva a pensar em algo a ser encaixado, lapidado segundo formas pré-estabelecidas. É corriqueiro ouvirmos discursos sobre uma suposta vocação e/ou identidade docente, imbricada em um tipo de comportamento considerado adequado para essa profissão, bem como certos modos de operar a docência. Em ambos os discursos, nos deparamos com um modelo, um modo de "ser" professor/a que acaba por nos desvincular e afastar das múltiplas experiências e vivências possíveis que uma formação docente em devir pode nos proporcionar.

O que podemos pensar sobre a docência, e no caso específico desta escrita sobre a docência em arte, é que nada está dado e “há inúmeras maneiras de ser docente, e este é um processo demorado, que acontece lentamente” (Loponte, 2005, p. 96). Poderíamos tomá-la como o trabalho de um artista, uma docência

artista que existe em relação com o mundo, em composição contínua com e no mundo, “[...] em ir e vir, em dar uma pincelada para depois apagá-la e começar tudo de novo, em uma insatisfação constante” (Loponte, 2005, p. 96).

Ao alinharmos a esse pensamento e ao escopo teórico que acolhemos, a formação docente que nos interessa é aquela em que há “um pouco de possível, senão eu sufoco...” (Deleuze, 2013, p. 135), um caminho que está sempre em metamorfose, ganhando distintas formas e intensidades à medida que acontece [...] uma formação capaz de provocar certa atitude estética [...], com suas congruências e pequenezas, na qual se podem incluir as práticas pedagógicas, as relações estabelecidas com os estudantes” (Loponte, 2017, p. 435) e aquilo que atravessa também a vida, em toda a sua singularidade.

Docência como criação, articulação entre o trabalho docente e um pensamento que crie desvios à inércia dos clichês das práticas docentes. Um movimento contínuo que nunca se estagna e que possibilita vivenciar os fluxos descontínuos da vida, ou seja, uma docência em devir.

Devir jamais é imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão ‘o que você está se tornando?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação [...] (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10).

Ao nos aproximarmos de uma docência atravessada pelo devir, é possível romper com disposições pré-existentes sobre a docência, especialmente no que diz respeito aos/as estudantes que estão em formação e podem se afirmar em suas singularidades, bem como problematizar as diversas verdades estabelecidas e os discursos estáticos sobre a educação, as artes e o fazer docente. Consideramos a docência em artes como uma possibilidade de acessar o mundo, a vida, a própria existência “[...] que se faz visível através de formas particulares e gestos preciosos” (Cubas; Rechia, 2021, p. 12). Uma docência permeada pela criação, que problematiza seus próprios processos.

Frente a essas concepções e pensamentos acerca da noção de formação docente, em especial nos Estágios Curriculares, assim como na Docência Orientada, as linhas que aqui desenvolvemos nos levam a indagar: que movimentos podem ser acionados ao experimentar diferentes modos de docência? Assim, fomos traçando caminhos provisórios para pensar as experiências de problematizar a docência ao passo que ela também é experimentada.

Para pensar nessa docência que não se quer estática e pronta, que se faz por movimentos de “estar à espreita, nos permitindo suspender juízos prévios a fim de nos aproximarmos das experiências pelas necessidades vividas no corpo” (Vaz, 2021, p. 4), o exercício de criação de um Diário da Prática Pedagógica de maneira processual, produzido e composto com os trajetos de cada estudante em formação, foi ganhando espaço nos encontros com imagens, escritas, relatos e as múltiplas materialidades que atravessavam as aulas.

Ao tempo em que nos encontrávamos às terças-feiras pela manhã para realizarmos leituras conjuntas, “[...] conversar sobre o ler, o escrever, o pensar, o perceber, o imaginar” (Skliar, 2014, p. 206), fomos produzindo colaborativamente um mapa movediço de ideias, percepções, questionamentos, narrativas, afetos e desacomodações, criando composições com tudo o que foi sendo capturado durante a experiência de pensar uma docência em devir.

Pensar não é um movimento automático de reconhecimento e/ou acordo com algo preestabelecido, mas está intimamente relacionado com a criação, com o ato de criar. Ao pensar, abrem-se possibilidades de invenção, de acesso a mundos ainda desconhecidos, de modo que “o melhor dos mundos não é aquele que reproduz o eterno, mas aquele em que se produz o novo, aquele que tem uma capacidade de novidade” (Deleuze, 2007, p. 136-137), de criar com aquilo que muitas vezes as palavras não podem expressar.

Experimentações em sala de aula: dimensões estético-artísticas do fazer docente

As disciplinas de Estágio Curricular 3 e 4 aconteciam juntas, semanalmente, nas manhãs de terça-feira, no Laboratório de Artes Visuais, no Centro de Educação da UFSM. Elas fazem parte da grade curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais e são ofertadas no sétimo e oitavo semestre, respectivamente. Entre os objetivos dessas disciplinas estavam: produzir-se e compreender-se professor/a pesquisador/a; desenvolver planos de aula de acordo com o espaço educativo; realizar exercícios de escrita de artigos sobre as experiências ao longo do semestre.

Nos encontros de cada semana eram disponibilizados artigos para que cada estudante apresentasse e problematizasse junto à dinâmicas que envolvessem os/as colegas, pensando nas experiências em sala de aula. Esses momentos eram muito produtivos, pois inúmeras dúvidas e relatos eram externalizados e, desse modo, juntos/as conversávamos acerca do tema e daquilo que atravessava também os ambientes fora da

universidade. Nessas conversas, haviam muitas trocas, algumas aproximações, mas também divergências de ideias, afinal

Toda conversa é uma tensão permanente entre diferentes modos de pensar e de pensar-se, de sentir e de sentir-se, de dizer e de dizer-se, de escutar e de escutar-se: existem dissonâncias, desentendimentos, incompreensões, afonias, impossibilidades, perdas de argumentos, tempos desiguais, perguntas de um só lado e respostas que nunca chegam (Skliar, 2014, p. 205).

Igualmente, eram nesses momentos em que, além das trocas que ocorriam, o compartilhamento de angústias, dúvidas e alegrias do processo de formação docente tornava o percurso coletivo. Deleuze e Parnet (1998) escrevem que quando se trabalha existe uma solidão que nos rodeia, contudo é uma solidão extremamente povoada de encontros. Assim, aquilo que era trazido por alguém não ficava somente restrito àquela pessoa, mas era algo vivenciado por dois, três, quiçá por vários. Muitas vezes, algo que nos afetava, mas não sabíamos nomear, ganhava corpo ao ser discutido no/pelo grupo. Aí alguma coisa se passava, um encontro que culminava no “[...] momento, de, pelo percurso vivido, chegar à produção de algum saber” (Vaz, 2021, p. 9).

Nas dinâmicas e nas apresentações dos artigos, os quais na maioria das vezes tratavam do campo da Educação e das Artes, cada estudante ou dupla de estudantes que ficava responsável pela apresentação, realizava atividades conjuntas com diferentes materialidades: imagens, trechos de filmes, fragmentos de outros textos, entrevistas, poesias, entre diversos dispositivos que agenciavam os encontros, de maneira que estes funcionavam como uma estratégia para forçar o pensamento, possibilitando assim outros modos de composição junto a uma leitura, uma experiência, uma imagem.

Optávamos por um modo de leitura que priorizasse a experiência de cada um/uma, não buscando que os/as estudantes desvendassem os textos lidos e sim que experienciassem as leituras e fossem, por vezes, afetados/as por estas, aprendendo com o que lhes chegassem em cada contato com as dinâmicas, distante da ordem da cognição e do reconhecimento, mas sim pelo encontro com signos (Gallo, 2012). No livro *Conversações*, Gilles Deleuze explana sobre os modos em que podemos encontrar-nos com um livro, um texto ou uma imagem.

É que há duas maneiras de ler um livro. Podemos considerá-lo como uma caixa que remete a um dentro, e então vamos buscar seu significado, e aí, se formos ainda mais perversos ou corrompidos, partimos em busca do significante. E trataremos o livro seguinte como uma

caixa contida na precedente, ou contendo-a por sua vez. E comentaremos, interpretaremos, pediremos explicações, escreveremos o livro do livro, ao infinito. Ou a outra maneira: consideramos um livro como uma pequena máquina a-significante; o único problema é: 'isso funciona, e como é que funciona?'. Como isso funciona para você? Se não funciona, se nada se passa, pegue outro livro. Essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa (Deleuze, 2013, p. 16-17).

Leituras em intensidade, aproveitando o que nos chega, estando à espreita das intensidades daquilo que pode nos atravessar no momento de leitura. Esse modo de encontro com artigos, livros e imagens possibilita perceber essas materialidades como pequenas engrenagens, contaminadas por diferentes vozes, compostas pelos mais variados fluxos e forças.

Deleuze, em conversa com Parnet (1998, p. 04), menciona que "o escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo". Esse fragmento nos provoca a pensar nesse estado de inquietude que se apodera do/a pesquisador/a, assim como dos/as estudantes em formação docente ao estar imerso/a em mundos, ao mesmo tempo que se encontram realizando sobrevoos por escritas e produções de colegas, falas, leituras, imagens do cotidiano e de arte contemporânea que podem vir a tornar-se potências quando são visitadas.



Figura 1: Diários de Prática Pedagógica produzidos por estudantes das disciplinas de Estágio 3 e 4.
(Acervo pessoal das autoras/do autor).

No espaço dessas disciplinas, como parte do processo avaliativo, também foi solicitada a criação de um Diário da Prática Pedagógica, o qual foi produzido de modo processual no decorrer do semestre. Este se caracteriza por ser um instrumento metodológico em que o/a professor/a em formação encontra espaço para contar sobre aquilo que atravessa suas aulas nas escolas, sobre os acontecimentos que perpassam outras disciplinas, trajetos acadêmicos e também os momentos fora da universidade que afetaram os/as estudantes. Sua produção pode ser bidimensional, para pendurar na parede ou teto, tridimensional, em formato digital, enfim, de diversas linguagens e formas.

Os diários são formados por componentes fragmentados, com acabamentos provisórios. Todo diário conta uma história, histórias não lineares, ao contrário, histórias sinuosas, de idas e vindas, enviesadas. Um diário se alimenta de várias fontes: de imagens coladas, de conceitos entrecruzados, de camadas de cola, de desenhos, de rasuras, de escritas nas margens (Oliveira, 2011b, p. 999).

Um modo de expressar, produzir e dar forma às inquietações, experiências e acontecimentos no decorrer do semestre.

Como as duas disciplinas eram realizadas ao mesmo tempo, a proposta lançada era nova para os/as estudantes do Estágio 3, mas para aqueles/as que já haviam cursado a ideia era de que continuasse com o mesmo DPP no Estágio 4, pensando os novos atravessamentos e em modos de compor com aquilo começado na disciplina anterior.

Ao produzir o seu diário, percebemos que o/a professor/a em formação, realizava algumas escolhas, imprimia “[...] a sua forma de escrita, imagens que seleciona para dialogar com o vivido, as falas dos seus alunos, aquilo que gostaria de ter feito ou dito” (Oliveira, 2011a, p. 184), transformando-o também em um espaço onde era possível problematizar a maneira de atuar no espaço docente através de registros textuais e visuais. Um modo de expressar visualmente inquietações, alegrias, preocupações, afetos do dia a dia em sala de aula que ganhavam diferentes formas por meio da escolha singular dos materiais utilizados e dos temas de interesse.

Muitos deles possuíam relação com a temática do projeto de ensino desenvolvido com os/as estudantes nas escolas. Naquele momento trabalhávamos com essa ideia de projetos, que consistia em eleger e explorar uma temática específica, por exemplo o conceito de desenho e outras formas de pensar o desenho associado ao processo de criação, de modo que o Diário também passou a ser construído principalmente na linguagem do desenho, contendo esboços rápidos, trabalhos dos/as estudantes.

Nas produções dos DPPs era possível encontrar trechos de textos discutidos em aula, frases ditas pelos/as estudantes durante os encontros na escola, fragmentos de pensamentos, imagens que foram capturadas no decorrer do semestre, seja dos percursos acadêmicos, seja das propostas com as turmas. Todavia, há de se mencionar que também muitas vezes algumas escolhas feitas para esse momento de pensar a prática docente intrincavam as criações e os modos como o Diário era construído: alguns projetos não interessavam os/as estudantes, era difícil fazer com que se envolvessem com as atividades e isso acabava respingando nas dificuldades em construir o Diário, as ideias simplesmente não aconteciam e a criação ficava fragilizada. Isso não quer dizer que os diários eram caracterizados como errados ou incompletos, mas diz respeito às possibilidades de acolher também aquilo que não saia como planejado, aquilo que, naquela ocasião, podia ser considerado um “erro”, mas que auxiliava nesse processo de se perceber e constituir professor/a.

Essa produção do DPP acontecia de modo individual, mas também, no decorrer do semestre, acabava sendo contaminada pelo coletivo. Uma fala de algum colega, as experimentações em sala de aula, aquilo que surgia das discussões com os/as estudantes nos espaços educativos, tudo o que atravessava a formação e a vida de quem estava imerso/a nesse processo de criação. Junto às disciplinas na universidade, havia momentos em que era possível apresentar o Diário para o grupo, compartilhar o que estava sendo feito, sem considerá-lo enquanto uma produção fixa, pronta e fechada, pois a ideia era que novas investidas

pudessem ser feitas a cada encontro com essa criação. Afinal, nessas trocas é que aconteciam esses 'roubos' (Deleuze; Parnet, 1998) que alimentavam essa dimensão de um trabalho fortalecido por vários/as.

O Diário era composto igualmente por aquilo que ressoava das dinâmicas organizadas pelos/as estudantes de ambas as disciplinas. Eram propostos exercícios de experimentação que envolviam a criação de materialidades, podendo ser imagens, objetos de arte, poemas, criações que ganhavam corpo a cada leitura, a cada encontro. Criações que materializavam e davam forma às experimentações do pensamento e, consequentemente, do próprio fazer docente, investigativo e artístico dos estudantes.



Figura 2: Diários de Prática Pedagógica produzidos por estudantes das disciplinas de Estágio 3 e 4.
(Acervo pessoal das autoras/do autor).

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), na obra intitulada 'O que é a filosofia?', desenvolvem a ideia de que uma criação artística, independente dos materiais utilizados em sua produção, faz parte de uma captura de forças, as quais atravessam aquele/aquela que a produziu. Os autores atentam sobre estarmos à espreita do que nos acontece e captura junto às intensidades que perpassam nosso corpo.

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele, ele nos apanha no composto (Deleuze; Guattari, 2010, p. 227-228).

É desse movimento oriundo do experimentar que as conversas em aula eram atravessadas pelas problematizações de experiências e pela desconstrução de verdades cristalizadas, das próprias amarras e armadilhas de ser “um/a bom/boa professor/a”. Afinal, estamos acostumados a ouvir discursos que “[...] pelo encantamento, nos fazem idealizar a docência e romantizar os processos de aprender” (Vaz, 2021, p. 02). Assim, durante as experimentações provocadas pelas dinâmicas e artigos, bem como pela produção de materialidades, eram vivenciados movimentos de criação de caminhos, afirmação das singularidades e modos de se expressar, sempre em consonância e composição com as relações com a docência e o fazer docente, questionando o processo, assim como o próprio estar docente.

Algumas questões lançadas em aula eram fundamentais para instigar o pensamento: Que sentidos sobre a educação e as artes podemos atribuir às nossas produções quando estas estão conjugadas com as mais variadas forças e elementos improváveis de serem pensados? Que movimentos vivenciamos ao nos produzirmos docentes, concomitantemente ao tempo em que problematizamos a docência? Como nossas produções artísticas se compõem e contribuem para pensar esse processo?



Figura 3: Diários de Prática Pedagógica produzidos por estudantes das disciplinas de Estágio 3 e 4.
(Acervo pessoal das autoras/do autor).

Problematizar o próprio fazer docente, criar modos de docência não atrelados a identidades estratificadas, afastar-se de uma postura autoritária, da "memória de elefante" que possui todas as respostas na ponta da língua, permitir-se falhar a voz e tremer as mãos diante dos/as estudantes. Pensar tais movimentos numa dimensão artística de criação de si, experimentando modos ético-estéticos de se produzir como docente, garatujando e esboçando trajetos, pode ser uma das maneiras de vivenciar os diferentes modos de docência mencionados no início deste texto.

Uma docência que pode ser pensada como experimentação, como gagueira (Deleuze, 1997), como experiência estética, à espreita das intensidades que nos atravessam, que nos tiram do lugar comum, que nos fazem pensar e nos forçam a criar outras línguas, outros mundos, outros caminhos na docência.

Pensar para si uma docência que permita estar estrangeiro/a de si mesmo/a e de toda identidade fixadora, estando disponível para os encontros com as mais variadas imagens de docência que podemos encontrar

em nossas trajetórias — algumas que irão nos potencializar em nossa existência, outras nem tanto. Experimentar docências para criar docências.

Isso também se aplica ao ato de escrever sobre experiências na docência, pois, ao mesmo tempo em que pensamos e problematizamos, nos aventuramos na própria escrita: uma escrita coletiva de várias vozes, permeada por experimentações, uma escrita em conversação. Somos contagiados/as por diferentes ideias, autores/as que nos acompanham, artistas, tornando esse processo de escrita uma experiência. Ou seja, um conjunto de acontecimentos que verdadeiramente nos transformam e deixam marcas em nossa subjetividade.

Foi o próprio processo que vivenciamos nas disciplinas de Estágio Curricular 3 e 4 que nos afetou e instigou a escrever de um modo que movimentasse o pensamento, de escrever no intento de produzir uma escrita que não direcione o leitor ou leitora a um determinado caminho, mas que produza com eles/elas algumas faíscas de possíveis em meio a todo o já dito.

Docências em devir

Pensar a docência como um exercício que se constrói a cada dia em que entramos em uma sala de aula remete a questionar: o que desejamos com aquele encontro? O que iremos propor? Com quais materiais? Abrir uma conversa para ouvir o que aquele grupo tem a nos dizer. Assumir a docência como uma tarefa artesanal, que precisa ser tecida gestualmente ao dispor os fios (textos), as cores (imagens) e os motivos (conceitos) que protagonizarão aquele encontro com os estudantes, não é — e não pode ser — algo rotineiro, feito de modo automático, sem reflexão ou planejamento. Ao contrário, requer estudo, combinações e ajustes.

Temos pensado essa docência da qual falamos como algo que, ao abrir possibilidades para problematizar e problematizar-se em relação à formação docente, passa a investir em espaços de experimentação do pensamento. Busca-se, assim, olhar de outra maneira — ou de outro lugar — para aquilo que já parecia totalmente firmado e conformado no ofício de ministrar uma aula.

Como varrer a figuração docente e fazer surgir dela outras formas de naturezas diferentes, que intervenham no que é costumeiro e a façam transbordar em outras direções? Esta figuração docente é entendida aqui como o que estamos acostumados a ver, ouvir, fazer, pensar com relação à docência, ou seja, estratos junto aos quais vamos endurecendo-nos,

fixando-nos, acomodando-nos, discursos e práticas que vamos repetindo sem problematizar, sempre da mesma maneira (Garlet, 2015, p. 184).

Com essas tentativas diárias, fomos realizando as experimentações na disciplina de Estágio Curricular 3 e 4 e pensando essa docência em devir. Experimentar, nunca interpretar (Deleuze; Parnet, 1998) talvez tenha sido a máxima mais exercitada durante os encontros: experimentar uma docência, experimentar materiais diversos, técnicas diferentes, outros modos de pensar a sala de aula, os espaços educativos em que os/as estudantes estavam inseridos/as e aquilo que também acontecia na sala de aula da universidade, enquanto docente orientado/a.

Vivenciar uma docência atravessada pelos momentos de criação - seja da própria docência, do planejamento para cada encontro ou da produção do DPP - foi algo que nos levou a uma (re)invenção daquilo que considerávamos como "dar uma aula". Sair do óbvio, da zona de conforto, dos modelos que carregamos desde os tempos de escola requer um esforço de entender que, muitas vezes, será preciso mudar, adaptar-se, coletivizar-se. Afinal, a docência também não se faz sozinha: ela acontece nos encontros, nas trocas, nos aprendizados compartilhados.



Figura 4: Diários de Prática Pedagógica produzidos por estudantes das disciplinas de Estágio 3 e 4. (Acervo pessoal das autoras/do autor).

Deleuze não escreveu especificamente sobre educação, mas, na série de entrevistas com Claire Pernet, intitulada *O Abecedário de Gilles Deleuze* (1988-1989), na seção "P, de Professor", ele menciona que uma aula consiste em momentos de ensaio para que estejamos inspirados. É necessário planejamento, preparação, mesmo que, ao chegar frente à turma, nada saia exatamente como esboçado. Para ele, "uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente" (Deleuze; Pernet, 1988-1989, fragmento da entrevista *O Abecedário de Gilles Deleuze*, seção "P de Professor").

Em uma sala de aula, nos deparamos com muitas pessoas de diferentes idades e origens, com jeitos distintos, e, obviamente, nem todas aprendem da mesma maneira. Nas aulas que ministrávamos como professores responsáveis pela disciplina e estudantes de mestrado em docência orientada, não era diferente: conversávamos semanalmente com pessoas diversas, em disciplinas distintas, que desenvolviam propostas variadas com os/as estudantes. Não era possível que todas captassem tudo como se o pensamento fosse um depósito para aquilo que acontecia nos encontros.

Por isso, exercer uma docência formatada, já esquematizada com início, meio e fim, sem brechas para os imprevistos, não era uma opção para nós. Pensar docências em devir e, mais do que isso, assumir a docência enquanto devir, era uma postura que permeava nossos encontros e se aproximava das propostas com os/as estudantes, exercitando e incentivando outras maneiras de apresentar o texto, iniciar a conversa e lançar as propostas. Seguir um modelo de aula rígido não estava em nosso planejamento. Queríamos instigar o pensamento daqueles/as com quem compartilhávamos textos, ideias, conversas e criações.

Linhas conclusivas

Esta escrita buscou apresentar algumas das experimentações vivenciadas durante a disciplina de Docência Orientada, realizada com uma turma de Estágio Curricular. Experiências nas quais refletimos sobre a docência, a arte e as verdades estratificadas que envolvem essas práticas, gerando problematizações acerca do fazer docente como potencialidade criadora. Vale ressaltar que tal explanação não tem como objetivo produzir uma verdade ou estabelecer um modelo de prática docente. Trata-se do compartilhamento de algumas das experiências vivenciadas em um processo formativo.

Sobre as materialidades produzidas em aula, algumas ganharam outras formas e passaram a ocupar espaços em trabalhos investigativos posteriores, enquanto outras se perderam pelo caminho. Alguns estudantes do estágio deram continuidade às materialidades em seus trabalhos finais de graduação; outros, não.

As imagens presentes ao longo do texto não são apresentadas como ilustrações da escrita, pois entendemos que a imagem vale por si mesma. Elas se fazem presentes com o propósito de tensionar a escrita, materializando as experiências docentes que, em palavras, não adquiririam a mesma força. Visualmente, essas imagens evidenciam o processo de criação que atravessa a docência.

A experiência de escrever este artigo é como uma linha que se estende da vivência relatada anteriormente, uma linha que ganhou outras formas, que se metamorfoseou com o tempo e atualizou memórias. Trata-se de um modo de partilha que ocorre simultaneamente ao tempo, o qual segue produzindo-se como uma docência em contínuo movimento e problematização de si mesma, à espreita de potencialidades que possam emergir.

Quando conseguimos rachar algumas das estruturas que residem em nós (em seus mais variados aspectos), estabelecemos conversas entre desconhecidos, acessamos outros lugares e criamos sulcos e fissuras, pelos quais extraímos potências e vislumbramos novas possibilidades de pensamento. Carlos Skliar nos leva a refletir sobre a docência como uma conversa, uma troca:

De certo modo, o educar também tem a ver com uma conversa entre desconhecidos: desconhecidos novos – os que chegam ao mundo, os que entram nele; desconhecidos anônimos – os que já estão ali, mas com os quais nunca conversamos – e os desconhecidos diferentes – aqueles a quem convidamos à igualdade, ainda marcados pela suspeita de não ser capazes de conversar, de não ser capazes ainda, ou definitivamente, de estar entre nós (Skliar, 2014, p. 204).

Um processo de criação, composição, conversa onde pensamos a docência, a arte, a própria escrita e os movimentos nos quais foi “preciso antes de tudo, saber abandonar, portanto agir em termos de desconstrução. Significa empreender movimentos de desterritorialização dos portos seguros e confiáveis do já-dito e já-escrito” (Batista, 2019, p. 82). E é nesses lugares que pode residir a magia da criação.

Referências

BATISTA, Bruno Nunes. Algumas maneiras pós-estruturalistas de responder às perguntas: Como escrever? Como ser autor?. *Revista Digital do LAV*, v. 12, n. 3, p. 072-090, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/39475>. Acesso em: 20 set. 2024.

CUBAS, Caroline Jaques; RECHIA, Karen Christine. Elogio ao professor: pensar um ofício para além da profissão. In: LARROSA, Jorge; CUBAS, Caroline Jaques; RECHIA, Karen Christine. (Orgs). *Elogio do professor*. Trad. Fernando Coelho, Karen Rechia e Caroline Cubas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G. *A dobrA: Leibniz e o barroco*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Editora 34: Rio de Janeiro, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: E. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Pernet, foi filmada nos anos 1988-1989.

GALLO, Silvio. As múltiplas dimensões do aprender... In COEB-CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BASICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO. 2. Ed. 2012, *Anais Florianópolis*: Prefeitura Municipal de Florianópolis. P. 01-10. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf. Acesso: 15 set. 2024.

GARLET, Francieli Regina. Pesquisar andarilho: pensar a docência desde outros lugares. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.) *Arte, Educação e Cultura*. 2 ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015. p. 183-198.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Docência Artista: arte, estética de si e subjetividades femininas*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 69, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0429.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). *Outros métodos (ou modos?) de pesquisa em educação e arte*. Santa Maria: Editora UFSM, 2025.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Por uma Abordagem Narrativa e Autobiográfica: os diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011a. p. 175-190.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. A perspectiva da cultura visual, o endereçamento e os diários de aula como elementos para pensar a formação inicial em artes visuais. *20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. 2011b, p. 988-1000.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Tradução de Giane Lessa. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Ato normativo do PPGE N. 01/2022**. Disciplina Docência Orientada – Cursos de Mestrado e Doutorado. Disponível em:
<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/547/2022/09/V.F.-Ato-Normativo-Doc.-Orientada.docx.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

VAZ, Tamiris. Como libertar-se do bom professor? aprendizagens por espreitas, interrogações e encontros. **ClimaCom – Coexistências e cocriações** [online], Campinas, ano 8, n. 20, abril. 2021. Disponível em:
<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/como-libertar-se-do-bom-professor/> Acesso: 19 ago. 2024.